



# REFLEXÕES SOBRE O RISO

Francis Hutcheson



CLANDESTINA

# Reflexões sobre o Riso

FRANCIS HUTCHESON



# Reflexões sobre o Riso

FRANCIS HUTCHESON

Tradução de  
*Juliana Ferraci Martone*

Editora Clandestina

Editora Clandestina  
São Paulo, SP  
e-mail: *editora.clandestina@gmail.com*  
site: *aclandestina.com.br*

Corpo Editorial  
*Juliana Ferraci Martone*  
*Luís Fernandes dos Santos Nascimento*  
*Márcio Suzuki*  
*Oliver Tolle*

Projeto gráfico:  
*Editora Clandestina Ltda.*

Capa:  
*Juliana Ferraci Martone*

H 973r

Hutcheson, Francis (1694-1746)  
Reflexões sobre o riso / Francis Hutcheson. Tradução  
de Juliana Ferraci Martone. - São Paulo: Editora  
Clandestina, 2015. 47 p.

Tradução de: Reflections upon laughter

ISBN 978-85-5666-001-5

1. Filosofia. 2. Estética. I Título.

CDD: 190

© Editora Clandestina, 2015

*A Editora Clandestina é uma iniciativa sem fins  
lucrativos com o propósito de facilitar a divulgação  
de obras filosóficas e literárias em formato digital.*

# Sumário

|                        |    |
|------------------------|----|
| Sumário                | 5  |
| Nota introdutória      | 7  |
| Advertência            | 9  |
| Reflexões sobre o Riso | 11 |
| I                      | 13 |
| II                     | 23 |
| III                    | 33 |



# Nota introdutória

Francis Hutcheson (1694-1746) publicou suas *Reflexões sobre o riso* no *Jornal semanal de Dublin* (1725-1726), como ele próprio adianta na advertência, seguidas de outro ensaio, *Observações sobre a fábula das abelhas*, uma crítica a Mandeville.

Em linhas gerais, no texto que se segue Hutcheson refutará a concepção hobbesiana em voga e dominante na filosofia moral de que o riso resulta necessariamente do sentimento de superioridade e da repentina glória pessoal. Sua tentativa consiste então em mostrar a finalidade com que o riso foi implantado na natureza humana e que “o ridículo leva nossas mentes a fazer uma conversão para o lado contrário a fim de que elas sejam, a partir da reflexão, mais capazes de se acomodar em adequada conformidade com a natureza.” Riso e ridículo não são sinônimos de afetação ou superioridade e desprezo — como desejava o Sr. Hobbes —, mas corrigem as paixões humanas se causados pelas boas afecções e inclinações amáveis. A concepção original de riso inaugurada por Hutcheson como associação de ideias contrárias repercutiu não apenas em sua época, mas também na posteridade, e contribui para teorias inovadores acerca do ridículo, riso e humor.



# Advertência

Os artigos seguintes foram originalmente publicados no *Jornal de Dublin* pelo falecido Sr. Arbuckle. Em relação ao seu mérito, esse engenhoso autor se expressa da seguinte maneira na conclusão de sua obra. “O erudito e engenhoso autor da *Investigação sobre a origem de nossas ideias sobre o belo e a virtude* há de me desculpar, espero, se, para fazer justiça a mim mesmo, sou obrigado a identificá-lo como autor dos três artigos sobre o riso, escritos num fluxo de pensamento tão curioso e inovador: e também do quadragésimo quinto, quadragésimo sexto e quadragésimo sétimo artigos, que contêm tantos comentários judiciosos acerca daquele pernicioso livro, *A Fábula das Abelhas*.”

F. Hutcheson



# Reflexões sobre o Riso



# I

*Rapies in ius malis ridentem alienis.*<sup>3</sup>

## *A Hibernicus*

Raramente há alguma coisa relativa à natureza humana que não mereça ser investigada. Envio-lhe alguns pensamentos sobre um tema bastante incomum, o riso, os quais o senhor poderá publicar se os considerar úteis para nos ajudar a entender o que frequentemente ocorre em nossas próprias mentes e conhecer o uso para o qual foi destinado na constituição de nossa natureza.

Aristóteles, em sua *Poética*, explicou de modo preciso a natureza de um tipo de riso, a saber, aquele que ridiculariza as pessoas, cujo ensejo ou objeto ele nos diz ser: *hamártemá ti kai aískhos anódunon kai ou phthartikón* – “algum erro, ou alguma torpeza, sem dor atroz, e não muito pernicioso ou destrutivo.”<sup>4</sup> Mas ele nunca pretendeu que esta fosse a explicação geral de todos os tipos de riso.

Mas o Sr. Hobbes, que deve muito do seu caráter de filósofo à apropriação de ares solenes, dos quais ele se

---

<sup>3</sup>Horácio. *Sátiras*, Livro II, sátira 3: “Do alheio dano/ Escarnecendo, se a juízo o levas.” Tradução de Antonio Luiz de Seabra (N. da T.).

<sup>4</sup>Aristóteles. *Poética*, V, 1449a33 (N. da T.).

utiliza principalmente quando está para afirmar algum absurdo palpável, ou alguma insensatez desnaturada, nos assegura que “O riso não é nada além de glória repentina, proveniente de alguma súbita concepção de certa eminência em nós mesmos, por comparação com a enfermidade dos outros, ou com nossa própria enfermidade de outrora: pois os homens riem de suas imprudências passadas quando de repente delas se recordam, a não ser que elas tragam consigo alguma desonra presente.”<sup>5</sup>

Os autores do *Spectator*, número 47, adotaram essa noção do Sr. Hobbes. Esse audacioso autor, levando adiante suas investigações de maneira singular, sem consideração pelas autoridades, e incorrendo numa maneira de falar muito mais inteligível do que a dos escolásticos, logo caiu nas graças de diversos espíritos livres de sua época. Sua visão ambiciosa consistiu em deduzir todas as ações humanas do amor-próprio: por algum infortúnio, ele desprezou tudo o que é generoso ou amável na humanidade, representando os homens sob aquela luz na qual um completo vilão ou um covarde os contemplaria, suspeitando que toda amizade, amor ou afeto social sejam hipocrisia, propósito egoísta ou medo.

Frequentemente se tem dito ao mundo esclarecido que Puffendorf absorveu profundamente os primeiros princípios de Hobbes, embora deles retire consequências muito melhores; e esse último autor, como é certamente muito preferível à maioria dos escolásticos, em raciocínios distintos e inteligíveis, foi transformado no grande instrutor da moral para todos aqueles que posteriormente se dedicaram àquele estudo. Portanto, é assim que as

---

<sup>5</sup>Hobbes, Thomas. *Natureza humana*, IX Cf: *Leviatã*, I, 6 (N. da T.).

antigas ideias de afecções naturais e instintos amáveis, do *sensus communis*, do *decorum*, e *honestum*, estão quase banidas dos nossos livros de moral. Por medo das ideias inatas, jamais ouviremos falar delas em nossos cursos universitários: tudo deve ser interesse e visão egoísta; o próprio riso deve ser uma alegria da mesma fonte.

Se essa noção do Sr. Hobbes é justa, então, primeiramente, não pode sequer existir riso em qualquer ocasião em que não fazemos comparação de nós mesmos com outros, ou de nosso estado presente com um estado pior, ou em que não observamos alguma superioridade de nós próprios sobre alguma outra coisa: e ainda, deve seguir-se disso, que toda súbita aparição de superioridade sobre o outro tem de estimular o riso, quando atentamos para isso. Se ambas essas conclusões forem falsas, a ideia da qual são retiradas também deverá sê-lo.

Assim, em primeiro lugar, que o riso surja frequentemente sem qualquer superioridade imaginada de nós mesmos, pode ficar claro a partir de uma grande reserva de gracejos, paródia e alusão burlesca, que provocam riso naqueles que podem ter o maior apreço pela obra a que se alude, e que ainda admiram a perspicácia da pessoa que faz a alusão. Portanto, um profundo admirador do maquinismo de Homero ou Virgílio riria com entusiasmo da intervenção de Pallas em *Hudibras*, para salvar o destemido Talgol da pistola do cavaleiro, apontada para o seu crânio.

*But Pallas came in shape of rust,  
And 'twixt the spring and hammer thrust  
Her Gorgon shield, which made the cock  
Stand stiff, as 'twere transform'd to stock.*<sup>6</sup>

E poucos que leem isso se imaginam superiores a Homero ou a Butler; de fato nós geralmente nos imaginamos superiores no sentido do valoroso cavaleiro, mas não a ponto de disparar pistolas. E, sinceramente, teria algum mortal rido se o poeta contasse, de maneira simples e desadornada, que seu cavaleiro tentava disparar contra Talgol, mas sua pistola estava tão enferrujada que se recusava a atirar? E, no entanto, isso nos daria o mesmo fundamento de repentina glória da nossa superioridade sobre o valente cavaleiro.

Além disso, a que nos comparamos, ou nos imaginamos superiores, quando rimos desta fantástica imitação da imaginária poética e similitudes do amanhecer?

*The sun, long since, had in the lap  
Of Thetis taken out his nap;  
And like a lobster boil'ed, the morn  
From black to red began to turn.*<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup>Butler, Samuel. *Hudibras*, I, 2, p. 781. “Mas Palas chegou em forma de ferrugem/E entre o gatilho e o martelo colocou/O seu escudo de Górgona, que fez o cão [da pistola]/Travar, como se fora transformado em cabo” (N. da T.).

<sup>7</sup>Butler, Samuel. *Hudibras*, I, 2, p. 781. “O Sol, muito depois de ter/No colo de Tétis tirado sua soneca;/E como uma lagosta fervendo, a aurora/Do negro ao vermelho começou a despontar” (N. da T.).

Alguns presbiterianos escoceses ortodoxos, cuja seita uns poucos acusam de inobservância das Sagradas Escrituras, foram levados a isso para preservar a sua seriedade, ao ouvir como seu conterrâneo teólogo Pitcairn empregou a Escritura enquanto observava uma multidão nas ruas ao redor de um pedreiro que caíra junto com seu andaime, por ter ficado tão maravilhado diante da estrutura da chaminé que estava construindo, e que ruiu imediatamente após a queda do pobre pedreiro: “Benditos sejam aqueles que morrem no Senhor, pois eles descansam de seu labor, e seu trabalho os acompanha.” E, ainda, poucos imaginam-se superiores ao apóstolo ou ao doutor. Sua superioridade em relação ao pobre pedreiro, estou certo, jamais poderia ter provocado tal riso, pois esta lhes ocorreu antes do consolo oferecido pelo teólogo. Neste caso, nenhuma opinião de superioridade poderia ter ocasionado o riso, salvo se dissermos que as pessoas se imaginaram superiores ao doutor em religião: mas uma imaginada superioridade em relação ao doutor em religião não é uma situação demasiado rara para provocar súbita alegria; e quanto àqueles que valorizam a religião, a impiedade do outro não é motivo de riso.

Costuma-se dizer<sup>8</sup> que quando homens espirituosos nos fazem rir, o fazem por meio da representação de alguma excentricidade ou enfermidade em si mesmos, ou nos outros. Portanto, alusões feitas em circunstâncias triviais aos mais solenes discursos figurados de grandes escritores contêm tão óbvia impropriedade, que nos imaginamos incapazes de tamanhos erros, nos quais aparentemente o orador incorre; então também neste caso há uma superioridade pressuposta. Mas, em resposta a

---

<sup>8</sup>Ver *The Spectator*. (N. do A.).

isso, podemos observar que frequentemente rimos dessas alusões, quando estamos conscientes de que o indivíduo que provoca o riso conhece amplamente a mais correta conveniência do discurso, e percebe, imediatamente, assim como todos os seus companheiros, a estranheza e inadequação de sua própria alusão; a saber, ri de si mesmo. Com frequência, admiramos sua esprituosidade em tais alusões, e nos empenhamos em imitá-lo, até onde nos é possível. Ora, eu não posso imaginar que súbito senso de glória ou júbilo com nossa superioridade pode surgir da observação de uma qualidade no outro, ao qual desejamos imitar. Se os homens se comparassem àquele que faz alusões, a quem querem imitar, temo que eles frequentemente ficariam sérios e tristes.

Ademais, que uma presumida superioridade provoque nosso riso, isso está tão distante da verdade, que se poderia imaginar o exato oposto: pois, se o riso surgisse de uma suposta superioridade, então, quanto mais um objeto nos parecesse inferior, maior seria o gracejo, e o mais próximo que alguém chegasse de nós em equidade, ou em semelhança de ações, menos estaríamos dispostos ao riso. Mas nós observamos, ao contrário, que certa esperteza em cães e macacos, semelhante a algumas de nossas próprias artes, comumente nos alegra, enquanto suas ações mais banais, nas quais se mostram muito inferiores a nós, não são motivo de qualquer gracejo. Confesso não poder adivinhar qual é a fonte da qual o autor, no *Spectator*, retira sua observação de que as ações dos animais que motivam nosso riso sustentam uma semelhança com a estupidez humana; receio que precisamente o contrário é verdadeiro, que a imitação por parte dos animais de nossas ações sérias e sábias

estaria mais apta a provocar deleite no observador.

A segunda parte do argumento, de que a opinião de superioridade subitamente incitada em nós não estimula o riso, parece a coisa mais óbvia imaginável. Se observarmos uma pessoa sofrendo enquanto estamos tranquilos, estaremos mais suscetíveis ao grande perigo de chorar do que de rir; e, no entanto, aqui se apresenta uma oportunidade para o inesperado prazer do Sr. Hobbes. Deve ser um estado verdadeiramente alegre em que um refinado senhor se encontra quando, bem vestido, passa por nossas ruas em sua carruagem e vê, por todos os lados, tantos pedintes esfarrapados, porteiros, palanquins suando com seu trabalho. É uma grande pena não termos uma enfermaria ou um leprosário para nos retirarmos em dias nublados e para passar uma tarde rindo desses objetos inferiores: estranho que nenhum de nossos hobbesianos expulse de suas casas todos os canários, esquilos, cachorros de colo, *pugs*<sup>9</sup> e gatos e os substituam por asnos, corujas, cobras e ostras para se alegrarem com eles! Sua superioridade em relação a estes poderia lhes dar mais alegrias do que em relação àqueles com os quais atualmente nos alegramos. O orgulho, ou uma opinião elevada de nós mesmos, deve ser inteiramente inconsistente com a seriedade; a insignificância deve sempre tornar os homens solenes em seu comportamento; e virtude consciente e grandes habilidades devem estar sempre acima do desdém. O crente ortodoxo, muito convicto de que está no verdadeiro caminho da salvação, deve sempre se alegrar com os hereges, aos quais é muito

---

<sup>9</sup>Hutcheson se refere aqui à raça canina *pug*, trazida da China e popularizada na Europa pela casa de Orange e pela dinastia Stuart (N. da T.).

superior segundo sua própria opinião; e nenhuma outra paixão além de contentamento deve surgir quando considera a heterodoxia destes. Em geral, todos os homens de verdadeiro senso, reflexão, integridade, de grande capacidade para os negócios e penetração nos temperamentos e interesses humanos, devem ser as pessoas mais alegres e joviais que se pode imaginar; Demócrito deve ser o único líder de todos os filósofos; e o riso perpétuo deve prevalecer no lugar das barbas-longas,

*To be the grace  
Both of our wisdom and our face.*<sup>10</sup>

É bastante estranho que os autores mencionados acima nunca tenham distinguido entre as palavras riso e ridículo: este último é somente uma forma particular do primeiro, quando estamos rindo das excentricidades dos outros; e nessa espécie pode haver alguma pretensão para alegar que alguma superioridade imaginada ocasionou o riso; mas além disso há inúmeros exemplos de riso em que nenhuma pessoa é ridicularizada, em que tampouco aquele que ri se compara a absolutamente qualquer coisa. Assim, quão frequentemente rimos de uma descrição extraordinária dos objetos naturais, com os quais jamais comparamos nosso estado. Imagino que poucos alguma vez tenham lido o *Banho da Cidade*<sup>11</sup> sem uma grande disposição para o riso; e, ao invés de imaginarem alguma superioridade, são muito sensíveis a

---

<sup>10</sup>Butler, Samuel. *Hudibras*, I, 1, p. 241: “Para ser a graça,/Da nossa sabedoria e do nosso rosto” (N. da T.).

<sup>11</sup>Jonathan Swift, *Descrição de um banho da cidade*, poema publicado no *Tatler* em outubro de 1710 (N. da T.).

uma tirada espirituosa do autor que desejam desesperadamente imitar: assim, qual é a relação daquele sorriso em *Hudibras* com nossos assuntos?

*Instead of trumpet and of drum,  
Which makes the warriors's stomach come,  
And whets mens valour sharp, like beer  
By thunder turn'd to vinegar*<sup>12</sup>

Aqui, o riso não é provocado em contraste com o valor ou com a música marcial, mas meramente pela extravagante semelhança com um evento cruel.

Ademais, para provocar o ridículo deve haver nele próprio algo além da mera opinião, como pode ser comprovado por isto: se alguém relatasse da maneira mais simples essa fraqueza dos outros, suas paixões extravagantes, suas opiniões absurdas, das quais os espíritos livres zombariam, se ouvíssemos as melhores provas de todos os fatos alegados, não estaríamos dispostos ao riso pela mera narração. Ou se alguém fizesse alguma calúnia considerável a outro, tirando vantagem de sua fraqueza, ou se por uma fraude perniciosa nos deixasse ver a simplicidade do outro, isso não seria motivo de riso: e, contudo, essas importantes trapaças realmente demonstram nossa superioridade diante da pessoa trapaceada, mais do que as triviais imposturas dos nossos humoristas. A opinião de nossa superioridade pode ocasionar uma sóbria alegria em nossas mentes, muito diferente do riso;

---

<sup>12</sup>Butler, Samuel. *Hudibras*, I, 2, 107. “Em vez de trompete e de tambor/Que revigora o ânimo do guerreiro /E afia o valor dos homens, como cerveja/Pelo trovão transformada em vinagre” (N. da T.).

mas tal pensamento raramente surge em nossas mentes na rapidez de uma conversa alegre entre amigos, na qual comumente existe uma estima mútua elevada. Mas com frequência nos retiramos aos nossos *closets* para meditar sobre algumas sutis conjecturas acerca dos princípios de nossas ações, dos quais nenhum mortal tem consciência em si mesmo no curso da ação; por isso, os mesmos autores mencionados acima nos dizem que nosso desejo de ver representações trágicas se dá devido ao secreto prazer que encontramos em nos sentir protegidos de tais males; sabemos de que seita essa noção é derivada.

*Quibus ipse malis liber es, quia cernere su-  
ave.*<sup>13</sup>

De fato, esse prazer deve ser secreto, tão altamente secreto, que muitos corações amáveis condolentes nunca tiveram consciência dele, mas se sentiram em um estado contínuo de horror e sofrimento; nosso desejo por tais visões flui de um instinto amável da natureza, de um elo secreto entre nós e as outras criaturas que nos cercam.

*Naturae império gemimus cum funus adultae  
Virginis occurrit, vel terra clauditur infans.  
...Quis enim bonus...  
Ulla aliena sibi credat mala*<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup>Lucrécio. *De Rerum Natura*, I, 4: “É agradável perceberes os males de que tu mesmo estás livre” (N. da T.).

<sup>14</sup>Juvenal. *Sátiras*, livro XV, sátira 138: “Pelo comando da natureza choramos quando diante do ataúde de uma virgem adulta, / E quando uma criança é encerrada pela terra. [...] Pois que bondoso [...] crê que os males alheios não lhe dizem respeito?” (N. da T.)

## II

Ao autor do Jornal de Dublin:

*Humano capiti cervicem pictor equinam  
Jungere si velit, et varias inducere plumas,  
Undique conlatis membris, ut turpiter atrum  
Desinat in piscem mulier formosa superne;  
Spectatum admissi risum teneatis amici?*<sup>5</sup>

*Sir,*

na minha carta anterior tentei mostrar que a opinião do Sr. Hobbes sobre o riso não é justa. Devo agora me empenhar em descobrir outro fundamento dessa sensação, ação, paixão, ou afecção, não sei qual delas um filósofo escolheria para nomeá-lo.

O engenhoso Sr. Addison, no seu tratado dos prazeres da imaginação, observou precisamente muitas sensações

---

<sup>5</sup>“Suponhamos que um pintor entendesse de ligar a uma cabeça humana um pescoço de cavalo, ajuntar membros de toda procedência e cobri-los de penas variegadas, de sorte que a figura, de mulher formosa em cima, acabasse num hediondo peixe preto; entrados para ver o quadro, meus amigos, vocês conteriam o riso?” Horácio, *Arte poética*, 1, tradução de Jaime Bruna, São Paulo: Cultrix/Edusp, 1981, p. 55 (N. da T.)

mais sublimes do que aquelas comumente mencionadas entre os filósofos: ele observa, em particular, que recebemos sensações de prazer daqueles objetos que são grandes, novos ou belos; e que, ao contrário, objetos mais diminutos e constrictos, ou deformados e irregulares, provocam ideias desagradáveis em nós. É indubitável que possuímos um grande número de percepções que dificilmente podem ser reduzidas a qualquer um dos cinco sentidos, pelos quais elas são comumente explicadas, tais como as ideias de grandeza, dignidade, decência, beleza, harmonia ou, por outro lado, de maldade, baixeza, indecência, deformidade, e que aplicamos essas ideias não apenas a objetos materiais, mas ao caráter, habilidades, ações.

Ainda pode ser observado que, por uma estranha associação de ideias realizada em nossa infância, frequentemente temos algumas dessas ideias que se repetem acompanhadas de muitos objetos, com os quais não têm nenhuma outra conexão senão com o que o costume e a educação ou, com frequência, as alusões lhes dão, ou no máximo alguma semelhança muito distante. As próprias afecções de nossas mentes são atribuídas a objetos inanimados; e alguns animais, suficientemente perfeitos para sua própria espécie, se tornam emblemas recorrentes de certos vícios ou perversidades: ao passo que outras espécies, de qualidades opostas. Como exemplo dessas associações, parcialmente da natureza, parcialmente do costume, podemos retirar os seguintes: santidade nas nossas igrejas, esplendor em edifícios públicos, afeição entre o carvalho e a hera, o olmo e a trepadeira, hospitalidade em uma sombra, uma sensação agradável de grandeza no céu, no mar, e nas montanhas, diferentes da

mera apreensão ou imagem de sua extensão; imponência e horror na floresta sombria. Um asno é o emblema habitual de estupidez e preguiça, um porco de luxúria egoísta; uma águia de um grande gênio; um leão de intrepidez; uma formiga ou abelha de pouca indústria e economia prudente. De modo semelhante, certos objetos inanimados expressam algumas ideias acessórias de perversidade, ou por alguma razão natural, ou mais frequentemente por mero acaso e costume.

Agora, o mesmo engenhoso autor observa, no *Spectator*, vol. I, n. 62, que o que chamamos de um grande gênio, tal como se torna um poeta heroico, nos proporciona prazer por preencher a mente com concepções nobres; e, por isso, eles retiram a maior parte de suas similitudes e metáforas de objetos dignos e grandiosos, cuja semelhança é em geral muito óbvia. Geralmente, isso não é chamado espírito, mas algo mais nobre. O que chamamos de espírito solene consiste em aproximar tais ideias semelhantes entre si, que dificilmente alguém teria imaginado possuírem uma relação tão exata entre si; ou quando a semelhança é levada, através de vários outros detalhes, muito além do que teríamos inicialmente podido esperar: e isso, conseqüentemente, proporciona o prazer da surpresa. Nesse espírito sério, ainda que não sejamos solícitos com a magnitude das imagens, devemos tomar o cuidado de não aproximar ideias de baixeza ou deformidade, a não ser que queiramos representar um objeto como baixo e deformado. Agora, esse tipo de espírito é mais raramente capaz de motivar o riso do que a poesia heroica.

Assim, aquilo que geralmente parece a causa do riso é o agrupamento de imagens que possuem ideias adicio-

nais contrárias, assim como alguma semelhança na ideia principal: esse contraste entre ideias de nobreza, dignidade, santidade, perfeição e ideias de crueldade, baixeza, profanação, parece ser o próprio espírito do burlesco; e a maior parte de nossas zombarias e gracejos está fundada sobre isso.

Nós ainda nos encontramos dispostos ao riso mediante um excessivo engenho, por unir semelhanças entre temas de tipo bem diferente daqueles com os quais são comparados. Quando vemos, em detrimento da tranquilidade e da semelhança natural, que constitui o verdadeiro engenho, um parentesco forçado e exagerado, nosso riso tende a surgir, assim como quando a única semelhança não está na ideia, mas no som das palavras. E este é motivo de riso no trocadilho.

Vejamos, entretanto, se isso não pode ser confirmado em vários exemplos. Se alguma obra se distinguiu por sua elevada nobreza, santidade, inspiração, ou sublimidade de pensamentos, e ousadia de imagens, a aplicação de qualquer frase conhecida de tal obra a temas inferiores, vulgares ou baixos, nunca deixa de divertir a plateia e de fazê-la rir. Os antigos dispunham desse fundo de riso aludindo a Homero: a vida de alguns dos filósofos em Diógenes Laércio fornece inúmeros exemplos disso. Boa parte dos gracejos de nossos recentes escritores burlescos se deve a que introduzem, nas ocasiões mais triviais, alusões a algum dos ousados esquemas, figuras ou frases dos grandes poetas a respeito dos temas mais solenes. *Hudibras* e *Dom Quixote* fornecerão exemplos disso em quase todas as páginas. Seria desejável que a ousadia de nossa época nunca tivesse levado adiante suas ridículas alusões a obras ainda mais veneráveis. Sabemos que alu-

sões a frases dos escritos sagrados dão um ar engenhoso a alguns cavalheiros e frequentemente proporcionam riso aos seus ouvintes, quando suas imaginações são tão inférteis para lhes fornecer qualquer outro entretenimento. Mas pergunto aos próprios religiosos se essas alusões não são capazes de provocar riso, a menos que uma afecção mais forte da mente, o horror religioso à profanação presente em tais alusões, lhes tolha a liberdade de rir delas. Agora, nesse particular, imagino que qualquer um concordará que a opinião de superioridade não é absolutamente ocasião para o riso.

Ora, qualquer pequeno acidente, ao qual acrescentamos a ideia de maldade, ocorrido a uma pessoa de grande seriedade, habilidade, dignidade, é motivo de riso, exatamente pela mesma razão: por conseguinte, as estranhas contorções de um corpo durante a queda, uma vestimenta repentinamente suja, as funções naturais que desejamos esconder de vista, são motivos de riso quando se apresentam à observação em pessoas das quais temos ideias elevadas. Ademais, a própria forma humana contém ideias de dignidade tão comumente unidas a ela, que mesmos em pessoas comuns esses cruéis incidentes são motivos de zombaria; no entanto, a zombaria aumenta devido à dignidade, seriedade ou modéstia da pessoa, o que demonstra ser esse contraste, ou oposição entre ideias de dignidade e crueldade, a ocasião para o riso.

Geralmente imaginamos algum grau superior de sabedoria na humanidade do que nos outros animais e, por essa razão, temos ideias elevadas a seu respeito. Então, se juntamente com a sabedoria que atribuímos a nossos companheiros, ocorrer qualquer caso de inadvertência grosseira ou de grande erro, isso será causa significa-

tiva de riso. Nossos compatriotas estão muito sujeitos a tropeços desse tipo e com frequência fornecem alguma diversão aos seus vizinhos, não apenas por erros em seu discurso, mas também nas suas ações. Ainda assim, mesmo esse tipo de riso não pode ser propriamente dito proceder de nosso senso de superioridade. Apenas pode oferecer um prazer sóbrio, mas não ser motivo de riso, já que encontramos o mesmo tipo de riso surgindo em nós quando não é seguido dessa opinião de superioridade: pois, se a pessoa mais engenhosa do mundo, de quem todos estimam a companhia, por escutar inadvertidamente ou por outro erro, responde fora de propósito, todo público pode rir intensamente sem que sua opinião favorável seja minimamente influenciada. Sabemos, portanto, que alguns homens engenhosos não sofreram o mínimo que fosse em seu caráter devido a uma zombaria fora de propósito, que provoca riso imediato; enquanto a zombaria premeditada, que diminui nossa opinião do autor, raramente propiciará qualquer riso.

Ainda, as paixões mais violentas, como medo, ódio, raiva, sofrimento, compaixão geralmente são tidas como algo grande e solene; a contemplação dessas paixões no outro toma o homem de seriedade. Agora, se essas paixões são provocadas artificial ou acidentalmente numa ocasião banal ou fictícia, elas propiciam o riso naqueles que imaginam tais ocasiões como inferiores e desprezíveis, ou naqueles que estão conscientes da fraude: essa é a ocasião para o riso trapaceiro, como chamam esses engodos.

De acordo com esse esquema, deve necessariamente surgir uma grande diversidade nos sentimentos humanos do ridículo nas ações ou no caráter, de acordo com a

variedade de suas ideias de dignidade e sabedoria. Um homem verdadeiramente sábio, que coloca a dignidade da natureza humana nas boas afecções e ações adequadas, é capaz de rir daqueles que empregam suas mais solenes e fortes afecções naquilo que, ao homem sábio, provavelmente parece inútil ou insignificante. O mesmo comportamento solene e inclinação apaixonada por algum lugar ou cerimônia, que pessoas comuns demonstram apenas naquilo que é absolutamente necessário na vida, pode fazê-los rir de seus superiores. Pode ser que o cavalheiro dado aos prazeres, para o qual a boa companhia e galanteios são os únicos deleites valiosos da vida, se alegre ao observar pessoas amontoando dinheiro, com grande solenidade e sinceridade, para não usá-lo ou sobrecarregando-se de aquisições e hipotecas, que o cavalheiro jovial, com seus rendimentos paternos, considera ocupações bastante tolas: e o homem frugal, por sua vez, zomba igualmente do cavalheiro dado aos prazeres. O jogador bem sucedido, ao qual nenhum desastre força a deixar de lado as ideias triviais de diversão em seu jogo, pode rir ao ver semblantes sérios e paixões da mais alta gravidade surgindo no perdedor e misturando-se às ideias de divertimento. De fato, nesses últimos casos o riso comporta uma opinião de superioridade, mas essa não é a ocasião adequada para seu riso; do contrário, não vejo como poderíamos encontrar uma fisionomia serena em qualquer lugar. Os homens têm diferentes prazeres na vida, a maioria prefere o próprio gosto ao dos outros; mas isso não ocasiona riso, a não ser que, representando ambições alheias, eles unam a elas alguma imagem fantasiosa de ideias opostas.

Nas nações mais educadas, há certos modos de se ves-

tir, comportamentos, cerimônias, geralmente admitidos por todos os melhores tipos, como são comumente chamados: a esses modos são geralmente acrescidas ideias de decência, grandeza e dignidade. Portanto, os homens são afeitos à imitação dos modos; e se em alguma reunião polida surge uma vestimenta, um comportamento ou uma medida inadequada, aos quais nós, em nosso país, unimos ideias contrárias de insignificância, rusticidade, irritação, o riso ou uma disposição a ele geralmente ocorre de fato naqueles que não possuem inteiramente boa educação, ou reflexão, para se conterem ou se desprenderem dessas associações costumeiras.

E, assim, podemos observar que o que é tomado por ridículo em uma época ou nação pode não sê-lo em outra. Somos capazes de rir de Homero, quando compara Ajax forçosamente batendo em retirada montado a um asno fugindo de um milharal; ou quando o compara a um javali; ou Ulisses atirando durante toda noite sem dormir por ansiedade a um pudim cozinhando no carvão.<sup>6</sup> Para nós, esses três símiles têm ideias insignificantes unidas a eles que provavelmente não tinham na Grécia dos tempos de Homero; como, por exemplo, o javali. É bem conhecido que em alguns países da Europa, onde ainda se têm javalis selvagens para caçar mesmo nos nossos tempos, eles não têm essas ideias baixas unidas àquele animal, que nós temos nesses reinos que nunca o veem a não ser nos chiqueiros imundos ou nos currais. Isso pode nos ensinar como são inconstantes muitas das zombarias feitas sobre o estilo de alguns escritos antigos, em épocas em que os modos eram muito diferentes dos

---

<sup>6</sup>Cf: *Odisséia*, XX, 105 e segs. Tradução de Christian Werner. São Paulo: Cosac Naify, 2014 (N. da T.).

nossos, embora, talvez, igualmente racionais e, de todo modo, igualmente humanos e justos.



### III

Ao autor do Jornal de Dublin:

*Ridiculum acri  
Fortius et melius magnas plerumque secat res*<sup>5</sup>

*Sir,*

o tratamento sério desse tópico do riso pode sujeitar o autor a uma censura como aquela que Longino faz a um tratado anterior sobre o *Sublime*, porque escrito de maneira muito inadequada ao assunto. Mesmo assim, deve valer nosso sacrifício considerar os efeitos do riso e os fins para os quais foi implantado em nossa natureza e, a partir disso, poderemos conhecer seu uso apropriado: o que será feito nas observações seguintes.

Primeiramente, podemos observar que o riso, como tantas outras disposições de nossa mente, nos é necessariamente agradável quando começa de maneira natural, a partir de uma percepção de algo ridículo na mente, e não tem seu início provocado inaturalmente por movimentos

---

<sup>5</sup>Horácio. *Sátiras*, Livro I, sátira 10: “Um motejo, um ridículo frisante,/ Grandes coisas melhor decide às vezes,/ Do que a própria razão austera e forte.” Tradução de Antonio Luiz de Seabra (N. da T.).

externos no corpo. Todos sabem que um estado de riso é um estado tranquilo e agradável, que a recorrência ou sugestão de imagens ridículas tende a dissipar preocupação, ansiedade ou tristeza e a reduzir a mente a um estado tranquilo e feliz; assim como, por outro lado, um estado feliz e tranquilo é aquele em que estamos mais vivos e perspicazes para perceber o ridículo nos objetos. Qualquer coisa que nos dá prazer nos coloca numa disposição para o riso quando ocorre algo ridículo; e objetos ridículos, ocorrendo a um temperamento desagradável, serão capazes de restabelecê-lo à tranquilidade. Assim, a implantação do senso do ridículo na nossa natureza nos foi dada como uma via para o prazer e um remédio fácil para o descontentamento e tristeza.

Além disso, o riso, como outras associações, é muito contagiante; toda nossa estrutura é tão sociável que uma fisionomia alegre é capaz de difundir alegria a muitos; e nem todos os que são capazes de rir antes de conhecer o gracejo são tolos, embora a curiosidade nos homens sábios possa refrear o riso, de modo a manter sua atenção desperta.

Estamos dispostos ao riso mediante uma opinião positiva da pessoa que o provoca se nem nós mesmos nem nossos amigos somos o alvo. O riso não é dos mais ínfimos laços de amizade mútua, embora tenha menor consequência em amizades grandiosas e heroicas.

Se um objeto, ação ou evento for verdadeiramente grandioso em todos os seus aspectos, ele não terá nenhuma relação natural ou semelhança com nada inferior ou baixo; e, conseqüentemente, nenhuma ideia inferior pode ser unida a ele com qualquer semelhança natural. Se fizermos zombarias forçadas e remotas sobre tais as-

suntos, estas nunca serão agradáveis para homens de senso e reflexão, antes provocam o desprezo acerca de quem ridiculariza, visto como desprovido de senso correto sobre aquelas coisas realmente grandiosas. Quanto a quaisquer sentimentos grandiosos e verdadeiramente sublimes, talvez descobriremos que, mediante um jogo de palavras, eles podem ser aplicados a uma ação ou objeto inferior e trivial, mas esse emprego não diminuirá nossa ideia elevada do grande sentimento. Deve ter um temperamento pobre e simplório aquele que perde o prazer da grandeza e beleza daquela nobre frase da Escritura Sagrada, mencionada no ensaio anterior, apenas pelo uso que o médico fez dela. Com frequência, o *Virgílio travestido*<sup>6</sup> pode aparecer na mente de um homem engenhoso, quando lê o original, e torná-lo irritadiço com interrupções impertinentes, mas nunca diminuirá sua admiração por Virgílio. Quem desgosta daquele verso de Homero com que Diógenes, o Cínico, responde a seu viziinho durante uma execução, ao ser perguntado acerca da causa da condenação do criminoso que havia falsificado púrpura antiga?

*éλλabe porphúreos thánatos kaí moíra kra-  
taié.*<sup>7</sup>

Deixe que qualquer um de nossos espíritos teste seu brio ridicularizando a opinião de uma mente sábia e boa que governa todo universo; deixe que tente ridicularizar integridade e honestidade, gratidão, generosidade ou

<sup>6</sup>Paul Scarron. *Le Virgile traveste* (N. da T.).

<sup>7</sup>Homero. *Iliáda*, V, 83: “Apodera-se-lhe/a Morte rubra dos olhos, cedendo-o ao Destino implacável”. Tradução de Carlos Alberto Nunes (N. da T.).

amor à pátria, bem como sabedoria. Toda sua indústria jamais diminuirá a admiração que devemos ter por algumas disposições, onde quer que as observemos puras e separadas de quaisquer visões baixas ou de alguma imprudência durante sua prática.

Quando há em algum objeto uma mistura daquilo que é realmente grandioso em conjunto com algo fraco ou insignificante, o ridículo pode, numa mente fraca incapaz de separar o grandioso do insignificante, tornar o conjunto depreciável ou fazer o conjunto parecer fraco ou desprezível: mas numa pessoa de discernimento e reflexão corretos, isso não terá outro efeito senão a separação do que é grandioso do que não o é.

Quando um objeto bom ou ruim é intensificado e aumentado pela violência de nossas paixões, ou por entusiasmada admiração ou medo, o uso do ridículo é o caminho mais rápido para trazer nossas exaltadas imaginações de volta ao momento real ou à importância do assunto. O ridículo leva nossas mentes a fazer uma conversão para o lado contrário a fim de que elas sejam, a partir da reflexão, mais capazes de se acomodar em adequada conformidade com a natureza.

O riso é recebido de modo diferente pela pessoa ridicularizada, conforme o procedimento daquele que ridiculariza mostre bondade, amizade e estima em relação à pessoa de quem ri ou o contrário.

O crime horrendo ou a séria calamidade de outra pessoa não é, por si mesmo, um tema que possa naturalmente ser convertido em ridículo: o primeiro provoca em nós horror e ódio, o segundo, pena. Quando o riso surge em tais ocasiões, não é motivado pela culpa ou infelicidade. Observar as contorções do corpo humano

no ar, quando um navio inimigo explode, pode provocar riso naqueles que não refletem sobre a agonia e aflição dos sofredores; mas refletir sobre essa aflição, por si só, jamais poderia motivar o riso. Então, algumas circunstâncias fantásticas somadas a um crime podem provocar o riso; mas uma cena de cruel barbaridade, ou vilania traiçoeira, por si mesma deve suscitar paixões muito contrárias. Comumente, uma zombaria não está na acusação de um criminoso ou num discurso invectivo: ela mais diminui do que aumenta a repulsa do público e pode muito bem provocar o desprezo pelo orador devido a uma afetação artificial de espírito. Zombar é ainda mais artificial em discursos concebidos para suscitar compaixão pelos infortunados. Um ridículo forçado e artificial, em ambas as ocasiões, será capaz de motivar, nos culpados e miseráveis, ódio àquele que ri; já que nele parece mostrar ódio ao objeto do seu riso ou total falta de compaixão. O réu tomará o riso como um triunfo sobre si na forma de desprezo; o miserável o interpretará como dureza de coração e insensibilidade às desgraças dos outros. Esse é o efeito natural de unir ideias cruéis e absurdas a qualquer um desses objetos.

Se faltas menores, não inconsistentes com um caráter especialmente amável, forem vistas à luz do ridículo, os culpados serão capazes de se sensibilizar com sua tolice, mais do que seriam com uma simples e séria advertência. Em muitas de nossas faltas, ocasionadas por extrema violência de alguma paixão, nossas apreensões de alguns objetos são tão veementes, que somos levados a justificar nossa conduta: a junção de ideias ou imagens opostas diminui esse entusiasmo; e se isso for feito de boa índole, pode ser uma censura menos ofensiva e mais efetiva.

Ridicularizar faltas mínimas, quando isso não ocorre por gentileza, pode ser extremamente provocante, visto que aplicar ideias inferiores à nossa conduta revela o desprezo daquele que nos ridiculariza e que ele planeja nos tornar desprezíveis aos outros.

Ridicularizar aquelas qualidades ou circunstâncias em um de nossos companheiros, que nem ele nem o ridicularizador consideram desonrosas, é agradável a todos; o próprio alvo se deleita tanto quanto os outros companheiros.

Ridicularizar algum pequeno infortúnio ou injúria que tenhamos recebido com tristeza ou intenso ressentimento, quando utilizado por uma terceira pessoa aparentemente de boa índole, é extremamente útil para apaziguar nossa preocupação ou ressentimento e para nos reconciliar com a pessoa que nos ofendeu, se ela não persiste com a ofensa.

A partir da consideração dos efeitos do riso, é fácil observar por que causa ou fim foi implantado um senso do ridículo na natureza humana e como deve ser administrado.

Ele é obviamente de considerável importância na sociedade humana. Com frequência, é ocasião para o prazer e vivifica intensamente nossa conversação quando é conduzido de boa índole. Ele espalha de uma só vez um temperamento agradável sobre multidões; e, por meio dele, uma mente serena e alegre pode difundir disposição semelhante sobre todos em sua companhia. Não há nada de que falamos mais do que de um bom gracejo: e muitos homens, incapazes de nos obrigar ao contrário, podem nos obrigar a isso pela diversão e efetivamente se insinuarem em nossa estima e boas graças.

Mas este não é o único emprego do riso. É bem sabido que nossas paixões de todo o tipo nos levam a apreensões descontroladas e entusiásticas de seus vários objetos. Quando um objeto qualquer parece grande em comparação a nós mesmos, nossas mentes são capazes de encontrar uma veneração perfeita: quando um objeto parece formidável, uma mente fraca entra em pânico, em um horror irrazoável e impotente. Agora, em ambos os casos, devido ao senso do ridículo, qualquer pessoa agradável, engenhosa e bem intencionada é capaz de nos desconstruir por meios mais eficientes do que o mais sóbrio raciocínio. Nada é mais propriamente aplicado à falsa grandeza, boa ou má, do que o ridículo: nada previne mais nossa admiração excessiva da grandeza impura ou impede que aquilo que é talvez realmente grande num tal objeto nos leve a imitar também e aprovar o que é realmente insignificante.

Eu não questiono que a zombaria de Elias sobre a falsa divindade, erigida pelos seus compatriotas, tenha sido bastante eficaz para retificar suas noções da natureza do divino, visto acreditarmos que zombarias semelhantes eram muito oportunas em outras nações. Baal sem dúvida fora representado como uma grande personagem de poder invencível; mas quão ridícula parece essa imagem quando o profeta coloca diante dela, de uma só vez, as ideias pobres que devem surgir de tamanha limitação de natureza – como se pode constatar a partir de suas estátuas – e as ideias elevadas de onisciência e onipotência, das quais o povo se declarava possuidor durante sua invocação: “Clamai a altas vozes; ou ele está falando, ou buscando, ou ele está numa jornada, ou ele

está dormindo”.<sup>8</sup>

Esse mecanismo do ridículo sem dúvida pode ser mau utilizado e ter um efeito negativo sobre uma mente fraca; mas quanto aos homens de alguma reflexão, não há porque temer que seja alguma vez pernicioso. Diante de tais homens, a tentativa de ridicularizar um assunto absolutamente grandioso com certeza se voltará sobre seu autor. Na companhia de homens de senso, alguém pode desafiar o espírito mais ousado a zombar de uma ação ou de um caráter totalmente grandiosos. Deixe-o experimentá-lo com a história de Cipião e sua submissa prisioneira enquanto dominava a Cartagena, ou com a antiga história de Píladés e Orestes; imagino que ele próprio apareceria na pele de um tolo, depois colocaria qualquer uma dessas personagens na mesma posição. O único perigo está nos objetos de natureza impura colocados diante de pessoas de pouco discernimento, que algumas vezes, por zombarem dos fracos, são levadas à negligência ou ao desprezo do que é verdadeiramente valioso em qualquer caráter, instituição ou ofício. E isso pode nos mostrar a impertinência e tendência perniciosa das zombarias geralmente indiscriminadas sobre alguma característica, ou ofício, que tenham sido muito supervalorizados. Mas, que se possa abusar dessa zombaria, não prova que ela seja inútil ou desnecessária, semelhante possibilidade de abuso provaria a impertinência ou periculosidade de todos os nossos sentidos e paixões. O ridículo, como outras

---

<sup>8</sup>1. Reis, 18:27. Na tradução de José Ferreira de Almeida: “E foi que ao meio dia Elias deles zombava, e dizia; clamai a altas vozes, porque ele é um Deus, *pode ser* que tem *algum* cuidado, ou que tem coisa *alguma* que fazer, ou que intenta *alguma* viagem: por ventura dorme, e despertará” (N. da T.).

ferramentas cortantes, pode fazer o bem nas mãos de um homem sábio, embora tolos possam cortar seus dedos com ele, ou ferir um observador desatento.

As regras para se evitar abuso desse tipo de ridículo são, primeiramente, jamais tentar ridicularizar o que é nobre em todos os aspectos, seja um grande ser, caráter, ou grandes sentimentos; ou, se nosso espírito algumas vezes deve recorrer a alusões em ocasiões inferiores para expressar grandes sentimentos, que não seja em companhia dos fracos, que não têm discernimento correto da verdadeira nobreza. E, em segundo lugar, a respeito de objetos de natureza impura, parcialmente nobres, parcialmente insignificantes, que nunca transformemos a insignificância em ridículo sem reconhecer e reverenciar corretamente o que é verdadeiramente nobre. Neste tipo de zombaria, devemos ser cautelosos com nossa companhia.

*Discit enim citius, meminitque libentius il-  
lud,  
Quod quis deridet, quam quod probat et ve-  
neratur.*<sup>9</sup>

Outro objetivo valioso do ridículo ocorre em relação aos pequenos vícios, que frequentemente são corrigidos de modo mais eficaz pelo ridículo do que pela advertência séria. O riso tem purgado os homens de faltas que um sermão não poderia corrigir: a saber, há muitas pequenas

---

<sup>9</sup>Horácio, *Epístolas*, II, I, 262: “Pois que melhor se aprende, e se decora/ O desvario que nos move o riso./Que aquilo mesmo que se aprova, e estima.” Tradução de Antonio Luiz de Seabra (N. da T.).

indecências impróprias para serem mencionadas nesses discursos solenes. Agora, o ridículo, com desprezo ou má intenção, é de fato sempre irritante e ofensivo; mas podemos, demonstrando uma correta estima pelas qualidades positivas da pessoa ridicularizada e nossa preocupação pelos seus interesses, mostrar-lhe que ridicularizar sua fraqueza provém do amor que temos a ela e, nesse caso, podemos esperar um bom efeito. Essa é, portanto, outra regra necessária, que, juntamente com o ridículo das suas pequenas faltas, devemos sempre acrescentar evidências de bondade e estima.

Quanto às zombarias relativas às imperfeições que não podem ser corrigidas, não consigo ver que uso podem ter: homens de senso não devem se deleitar com tais zombarias; mentes tolas e simples podem ser levadas, por elas, a desprezar o mais verdadeiro mérito, o qual não está isento dos infortúnios casuais de nosso estado moral. Se essas imperfeições ocorrem em um caráter vicioso, com o qual as pessoas devem se alarmar e tomar cuidado, está abaixo de um homem sábio despertar aversão pelos homens baixos por causa de suas fraquezas necessárias se estes sabem lidar adequadamente com suas disposições viciosas.

Devo concluir esse ensaio com as palavras do padre Malebranche acerca desse último aspecto do riso, os pequenos infortúnios alheios. Esse autor, em meio a todas as suas visões, às vezes apresenta tão refinado senso quanto seus conterrâneos.

Não há nada mais admiravelmente arquitetado do que aquelas correspondências observáveis entre a inclinação da mente humana e os

movimentos de seus corpos... Todo esse secreto trabalho em cadeia é um milagre que nunca poderá ser suficientemente admirado ou entendido. Suponhamos que a sensação de algo surpreendentemente mau, que parece forte demais para que alguém o supere mediante sua própria força, provoque um alto grito: este grito, forçado pela disposição de nossa máquina, fere o ouvido daqueles que estão por perto e os faz entendê-lo, não importa de que nação ou qualidade eles sejam; pois é o grito de todas as nações, de todas as condições, assim como deve ser. Ele provoca uma comoção nos seus cérebros... e os faz correr para prestar socorro sem que se deem conta. Logo, ele obriga sua vontade ao desejo e seu entendimento à invenção, se estiver justa e corretamente de acordo com as leis da sociedade. Pois um grito indiscreto proferido sem motivo, ou por causa do medo infundado, produz indignação ou riso em detrimento de pena naqueles que socorrem... Esse grito indiscreto naturalmente produz aversão e desejo de vingar a afronta feita à natureza, se aquele que o proferiu sem motivo o fez deliberadamente: mas ele deverá produzir apenas a paixão do escárnio, misturada a alguma compaixão, sem aversão ou desejo de vingança, se foi um medo, quer dizer, uma falsa aparência de emergência imediata que causou o clamor. Pois zombaria ou ridículo são necessários para restabelecer e corrigir o medroso; e a compaixão para socorrer o fraco. É impossível conceber

algo mais bem ordenado.<sup>10</sup>

*Eu sou, Senhor,  
Seu humilde servo,  
Philomeides<sup>11</sup>*

---

<sup>10</sup>Nicolas Malebranche. *De la recherche de la verité*, Livro IV, cap. 13 (N. da T.).

<sup>11</sup>O pseudônimo escolhido por Hutcheson faz referência ao epíteto usado para Afrodite, “a que ama os sorrisos” (N. da T.).